

A DESVALORIZAÇÃO DA PREGAÇÃO BÍBLICA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS



"Certa vez, às margens do lago de Genesaré, quando a multidão se comprimia junto a Jesus para ouvir a palavra de Deus, ele viu dois barcos junto à praia do lago; os pescadores haviam desembarcado e estavam lavando as redes. Entrando ele num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, sentando-se, do barco ensinava as multidões." (Lucas 5.1-3 – Almeida Século 21)

Pouco tempo depois que o Senhor Jesus iniciou seu ministério messiânico na Judeia, “sua fama se espalhou por todos os lugares da região” (cf. Lucas 4.37). Mesmo quando Jesus “ia a um lugar deserto; as multidões iam atrás dele e, o encontrando, queriam impedir que se afastasse delas” (cf. Lucas 4.42). Ainda assim, “ele prosseguia pregando nas sinagogas da Judeia” (cf. Lucas 4.44).

Na passagem bíblica citada inicialmente, o Senhor Jesus já era figura bem conhecida entre os judeus. A sua popularidade chegou ao ponto em que as multidões eram suficientemente grandes para lhe criar problemas.¹ Havia inclusive o perigo de que Ele fosse esmagado ou pisoteado por elas. Para se ter ideia, no texto (v. 1), para o verbo “comprimir”, é utilizado o vocábulo grego ἐπίκειμαι (*epikeimai*) que significa “estar em cima”² – o que nos dá a entender que algumas pessoas chegaram a montar em cima de Jesus. Em certo momento o texto bíblico relata que o Senhor Jesus caminhava pela região da Judeia, às margens do Lago de Genesaré (v. 1) – também chamado de Lago de Tiberíades ou

¹ EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles L.. *Comentário bíblico Beacon: Mateus a Lucas*. Vol. 6, Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. 391 p.

² STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

Mar da Galileia –, quando precisou entrar em um barco e se afastar um pouco da margem para preservar a sua integridade física e, em segurança, ensinar a multidão (v. 3). Mas qual seria o motivo da constante aglomeração de pessoas em torno de Jesus? Dentre os diversos motivos possíveis, de acordo com a passagem bíblica era porque as pessoas queriam “*ouvir a palavra de Deus*” (cf. Lucas 5.1).

O momento da pregação bíblica deve ser abraçado como um dos mais sublimes na vida do cristão. Através do ensino expositivo da Palavra de Deus, o Senhor Jesus faz arder o nosso coração e nos capacita a compreender a vontade e os propósitos divinos (cf. Lucas 24.27, 32). Cada oportunidade de ouvir a exposição das Sagradas Escrituras deveria ser aproveitada ao máximo. Deveria..., mas não é o que ocorre. Infelizmente, a preocupação das pessoas com a ministração da Palavra de Deus é cada vez menor. O papel que a pregação bíblica ocupa na liturgia cültica a cada dia se torna mais obsoleto e a tendência é piorar ainda mais.

Não são poucos os cultos onde o momento separado para a exposição bíblica é subliminarmente adulterado e transformado em espaço para shows pirotécnicos por parte do pregador. Em muitas igrejas evangélicas a insanidade coletiva toma conta do ambiente litúrgico e o que se vê são bizarrices teológicas de todos os tipos imagináveis e até mesmos inimagináveis em alguns momentos. Tudo com um único objetivo: enaltecer a figura do pastor, pregador, palestrante, guru espiritual, ou outra nomenclatura qualquer que seja adotada. São os chamados “homens de Deus” que buscam insaciavelmente ser tratados como “deus dos homens”. São homens e mulheres que alegam possuir uma “espiritualidade” tão fenomenológica, que até o Senhor Jesus Cristo perto deles passa a ser visto como alguém “carnal”. O resultado de toda a estrutura midiática criada em torno de gente assim é o lucro líquido e certo. São preletores que cobram cachês que alcançam facilmente valores em torno de R\$ 50.000,00. Sem contar o lucro exorbitante conquistado com a venda de livros, CDs e DVDs com qualidade e conteúdo duvidosos.

Quando não se torna apenas espaço para promoção pessoal, em muitas igrejas evangélicas o momento do sermão não passa de uma parte – enfadonha – da liturgia cültica. Influenciada pela péssima qualidade bíblico-teológica dos sermões, aliado ao gigantesco despreparo dos pregadores, muitos membros torcem para que o tempo dedicado à pregação seja o mais breve possível. Alguns torcem para que ele nem ocorra. Certa vez a “líder” de jovens de determinada igreja local veio até mim. Na ocasião ela sugeriu que a liturgia cültica da comunidade a qual pertencia fosse composta apenas por músicas tocadas pela banda de louvor. Ao ser questionada sobre o motivo de não haver um momento dedicado à pregação da Palavra, a “líder” tranquilamente respondeu: “Quem quer ler ou estudar a Bíblia que faça isso em casa”.

Há diversas razões para o declínio contemporâneo da pregação bíblica. Uma delas é de ordem tecnológica: o surgimento de novos meios de comunicação, tais como cinema, televisão e de novas

mídias interativas (*DVD, Blu-ray, Internet* e TVs a cabo). Sustentar que a pregação é uma forma admissível de comunicação nestes dias de tamanho avanço tecnológico parece um anacronismo³ para muitos nesta geração multimídia. Outra razão para esse declínio é a aversão do homem pós-moderno a verdades objetivas. Na sociedade pós-moderna não há mais lugar para verdades concretas ou absolutas. Cada pessoa tem a sua própria verdade. O homem moderno não quer que lhe digam o que é verdadeiro ou certo; ele quer descobri-lo por si mesmo e quer determinar por si mesmo o que deve fazer... Ele quer participar da discussão, mas o sermão não dá oportunidade para discussão. Mas uma das principais razões para a desvalorização da pregação bíblica nas igrejas evangélicas, consiste no afastamento do cristianismo das Escrituras. O cristianismo contemporâneo tem sido cada vez mais influenciado por conceitos filosóficos, tais como racionalismo, subjetivismo e pragmatismo. Aos poucos já é possível ver em várias comunidades cristãs o abandono da Bíblia como regra suprema de fé e prática. Como resultado, quando a voz de Deus não se faz ouvir no púlpito por meio da genuína pregação da Palavra, é de se esperar que outros elementos e práticas tomem o seu lugar.

Muitas igrejas, nos dias de hoje, colocaram o estudo da Bíblia em segundo plano. Elas dão prioridade a outras coisas, em detrimento ao ensino. Paralelamente a isso, as pessoas também não se interessam em aprender. Como resultado, a conjugação destes dois elementos principais, leva o povo a uma total ignorância bíblica, sendo presas fáceis das heresias que rondam por aí. Grande parte das pessoas que afirmam serem cristãs, protestantes, evangélicas, não possui o mínimo de condições intelectual e teológica para defender os princípios fundamentais da fé que professa. O pior que essas pessoas não estão nenhum pouco preocupadas com isso. Para elas o que importa é pragmatismo religioso o “evangelho de resultados”.

Não foi à toa que Deus, pela boca do profeta Oséias, declarou: *“O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento...”* (Oséias 4.6a). A ausência do conhecimento não é consequência da impossibilidade de acesso a ele, visto que o mesmo se encontra disponível através das Sagradas Escrituras. Mas é resultado do abandono da reflexão, da rejeição ao conteúdo da Palavra de Deus.

Precisamos voltar a desenvolver qualitativamente nosso conhecimento das Sagradas Escrituras, examinando-as com afincado e dedicação. Será muito proveitoso se deixarmos de lado as constantes ofertas de bênçãos e venerações humanas e buscarmos estar um pouco mais perto do Abençoador e daquilo que Ele deseja nos transmitir didaticamente. *“Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança”* (Romanos 15.4 – Nova Versão Internacional). A pregação bíblica em tem como objetivo a nossa instrução e não simplesmente decorar a nossa mente.

³ **Anacronismo.** Erro de cronologia que geralmente consiste em atribuir a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época, ou em representar, nas obras de arte, costumes e objetos de uma época a que não pertencem. (Dicionário Houaiss)